

O Projeto Teletandem Brasil, as comunidades virtuais, as comunidades discursivas e as comunidades de prática: resultados preliminares

(Teletandem Brazil Project, virtual communities, discourse communities and communities of practice: preliminary results)

Jaqueline Moraes da Silva¹

¹Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista (UNESP)

jaquemoraes_net@hotmail.com

Abstract: The aim of this paper is to present the preliminary investigations of the master's research "Project Teletandem Brazil, Virtual Communities, Discourse Communities and Communities of Practice", still in development.

Keywords: Learning in-tandem, communities, construction of knowledge

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar as investigações preliminares do projeto de mestrado "O Projeto Teletandem Brasil, as Comunidades Virtuais, as Comunidades Discursivas e as Comunidades de Prática", ainda em desenvolvimento.

Palavras-chave: Aprendizagem in-tandem, comunidades, construção do conhecimento

Introdução

A utilização dos computadores nos setores de ensino e aprendizagem está se expandindo cada vez mais nas escolas, nas casas, na formação profissional e contínua, o que obriga a redefinição da função dos docentes e de novos modos de acesso aos conhecimentos (LÉVY, 1998). De acordo com Carelli (2003), "cada sociedade utiliza a tecnologia que tem disponível para educar seus jovens, seja ela representada por quadro-negro e giz, seja por computador" (p. 14). Na perspectiva das novas tecnologias digitais, os processos de interação e mediação assumem novas formas em função do meio em que ocorrem (o digital) e em função da ampliação de suas possibilidades.

A interação entre pessoas ganha uma dinâmica multidirecional, multimidiática e multi-espacial graças à possibilidade de digitalização de várias formas de linguagem (sons, imagens estáticas e em movimento, gráficos, além da própria "escrita"). E, simultaneamente, a mediação física, feita através da tela do computador, torna possível que esses multimeios sejam compartilhados, em tempo real, com pessoas fisicamente distantes. [...] Portanto, qualquer que seja a ação de um aprendiz em frente ao computador, ela será sempre interação mediada por linguagem humana. (FONTES, 2002, p. 2)

A nova era que foi inaugurada com o avanço das tecnologias e com o advento da internet fez com que também as áreas educacionais prosperassem, visto a parceria formada entre educação e tecnologia. O meio virtual passou a ser uma ferramenta a ser empregada tanto em salas de aula quanto fora delas.

Assim, a chegada dos computadores pessoais e da internet possibilitou a interação síncrona – *chat* – e assíncrona – *e-mail* – entre os participantes do processo educacional à distância tornando viável a formação acadêmica sem sair de casa.

Este artigo é um recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento e tem como objetivo discutir seus resultados preliminares. Com base no que foi explicitado anteriormente, acredita-se que a relevância e justificativa deste trabalho estão apoiadas em duas grandes áreas do conhecimento: a área de Educação, mais especificamente o letramento digital, a qual vem sendo crescentemente invadida pelas novas tecnologias de informação, e a área de Linguística Aplicada, principalmente, no que diz respeito aos processos de ensino-aprendizagem de línguas mediados pelo computador e à emergência de gêneros no meio virtual, sendo importante ressaltar as implicações didáticas e pedagógicas referentes ao uso do meio digital no processo educacional.

Subsídios teóricos

O projeto Teletandem Brasil

A utilização das novas tecnologias, como o computador, no processo de ensino/aprendizagem, pode contribuir para relaxar a relação dual entre professor e aluno (LÉVY, 1999). É importante ressaltar que uma carga horária mínima de aulas presenciais se faz necessária na formação superior à distância.

A distinção entre ensino “presencial” e ensino “a distância será cada vez menos pertinente, já que o uso das redes de telecomunicações e dos suportes multimídia interativos vem sendo progressivamente integrada às formas mais clássicas de ensino. A aprendizagem à distância foi durante muito tempo o “estepe” do ensino; em breve irá tornar-se, senão a norma, ao menos a ponta de lança. (LÉVY, 1999, p. 170)

Em meio a este contexto inovador está inserido o *Projeto Teletandem Brasil: Línguas Estrangeiras para todos*, o qual foi desenvolvido por um grupo de docentes da Universidade Estadual Paulista, atuantes nas áreas de Linguística Aplicada, Educação e Computação, e pesquisadores-colaboradores de universidades estrangeiras (FAPESP Processo 2006/03204-2). Basicamente, o projeto TTB propõe que pares de falantes nativos de línguas diferentes interajam entre si, por meio do computador, de modo que um ensine a sua língua para outro. Os participantes se comportam como professores-alunos conforme a ordem das línguas ensinadas. Além disso, há um processo de troca entre eles como reflexões a respeito do conteúdo, da forma, do léxico dependendo do interesse dos envolvidos, além de trocas culturais.

A modalidade de aprendizagem que o projeto *Teletandem Brasil* propõe baseia-se no modo *in-tandem*, envolvendo pares de falantes nativos de diferentes línguas trabalhando de forma recíproca, de maneira que um aprenda a língua do outro. Para Cziko e Park (2003), “a aprendizagem de línguas *in-tandem* proporciona um terceiro modo de aprender línguas estrangeiras que substitui ou complementa abordagens calcadas na gramática e nas abordagens comunicativas à aprendizagem de línguas” (apud TELLES; VASSALLO, 2006, p. 7).

Desse modo, observa-se que a ação pedagógica inovadora do Teletandem é interessante e atrativa para os jovens por utilizar aplicativos como o *MSN Messenger*

e eficiente na medida em que privilegia a interação, a troca de papéis (professor-aluno, aluno/professor), negando a relação assimétrica presente na maioria das salas de aula de ensino de LE e enfatizando o papel do professor/mediador, o que favorece a aprendizagem e promove a educação de qualidade (TELLES; VASSALLO, 2006). Sendo assim, é importante salientar que os objetivos principais e iniciais do projeto TTB se resumiam a três: vincular a pesquisa acadêmica da universidade a ações sociopedagógicas na área de ensino de línguas estrangeiras; aplicar uma nova ação pedagógica de aprendizagem de línguas a distância e investigar a efetivação do aplicativo *MSN Messenger* como ferramenta e meio de aprendizagem de línguas estrangeiras *intandem* à distância, já que este aplicativo dispõe de recursos de vídeo e de som, o que possibilita a interação oral e escrita em língua estrangeira.

Logo, tendo em vista a influência do meio virtual, a utilização das novas tecnologias, o contexto de aprendizagem colaborativa, as inúmeras vantagens da comunicação síncrona na aprendizagem de LE, e a existência do Projeto *Teletandem* Brasil no campus da UNESP de São José do Rio Preto e no campus da UNESP de Assis, a pesquisa de mestrado visa a investigar as características do grupo de interagentes, os quais são compostos por alunos de graduação dos cursos de Letras e Letras/Tradutor. Os alunos interessados realizam uma inscrição no site do projeto e aguardam por um parceiro que tenha os mesmos horários disponíveis e interesses comuns ao participante brasileiro. Hipotetiza-se que esses interagentes façam parte de uma comunidade com objetivos mais ou menos comuns e compartilhados já que voluntariamente se inscrevem para participar de um projeto com as características acima. Desse modo, buscaremos verificar com o projeto de mestrado as características desses interagentes tendo por base os conceitos de comunidade virtual (LÉVY, 1999), comunidade discursiva (SWALES, 1990; 1992) e comunidade de prática (WENGER, 1998) e a partir dos pontos de contato entre tais definições proporemos a constituição de uma comunidade específica, a qual chamaremos de comunidade de teletandem. O objetivo principal deste artigo é demonstrar e discutir os resultados preliminares da pesquisa de mestrado em andamento.

As comunidades discursivas

De acordo com a definição de 1990 de John Swales, uma CD é, de um modo idealizado, vista como um conjunto de indivíduos com objetivos em comum, formalmente expressos ou não, e mecanismos de intercomunicação, usados primeiramente para fornecer informação e *feedback* a seus membros. Esses mecanismos seriam variáveis, podendo, às vezes, nem existir. Uma comunidade discursiva possui também um léxico específico – uma terminologia da área – que restringe e adéqua os textos compartilhados por seus membros e ainda dificulta seu acesso por não-membros que desconhecem tal terminologia. (cf. ARANHA, 1996) A CD, segundo Swales (1990; 1992), é um dos elementos-chave para a realização do propósito comunicativo. Segundo Aranha (1996), existe um processo de “auto-alimentação entre a comunidade discursiva e a existência de gêneros. A comunidade desenvolve os gêneros, e a existência de gêneros configura grupos sociais como comunidades discursivas por compartilharem propósitos comunicativos efetivados por meio dos gêneros pertinentes a ela. É importante ressaltar que a concepção de gênero adotada neste trabalho é com base na perspectiva sociorretórica de Swales (1990), que caracteriza os gêneros como sócio-historicamente construídos, não são somente objetos textuais mais ou menos semelhantes, mas eventos codificados inse-

ridos em processos sociais comunicativos. Os seis critérios propostos por Swales (1990) no intuito de identificar um grupo de indivíduos como uma CD são:

- 1) Uma CD tem um conjunto de objetivos comuns; eles são públicos, podem estar inscritos em documentos (como no caso de associações e clubes) ou ser mais tácitos, não expressos. O fato de esses objetivos serem normalmente compartilhados é o critério mais importante para identificar um CD. Essa primeira característica se refere aos objetivos da comunidade e não a objetos particulares de estudo. O conteúdo do texto pode ser inserido em diferentes comunidades discursivas dependendo do ponto de vista de análise. (ARANHA, 2004).
- 2) Uma CD tem mecanismos de intercomunicação entre seus membros; os mecanismos participatórios são variados (encontros, teleconferências, correspondências etc).
- 3) Uma CD usa desses mecanismos participatórios primeiramente para informar e dar feedback; para ser efetivamente membro de uma CD, um indivíduo deve aproveitar as oportunidades de informação, se envolver nas comunicações que recebe participando das atividades da comunidade e não apenas fazer parte formalmente de uma associação.
- 4) Uma CD utiliza, e, portanto, possui um ou mais gêneros na comunicação; uma CD tem e continua desenvolvendo expectativas discursivas que são criadas pelos gêneros que articulam as operações da CD. Essas expectativas podem envolver apropriação de tópicos, a forma, função e posicionamento de elementos discursivos e os papéis que os textos desempenham nas operações da CD.
- 5) Uma CD partilha um léxico específico; uso de terminologia altamente técnica e especializada, geralmente na forma de acrônimos e abreviaturas é um dos critérios para se definir uma CD.
- 6) Uma CD possui um nível de membros com grau adequado de conteúdo relevante e proficiência discursiva; a CD é dinâmica; indivíduos entram – novatos – e outros deixam a comunidade, devendo haver uma proporção razoável para que a comunidade sobreviva.

Esse modelo proposto por Swales em 1990 recebeu muitas críticas. A definição proposta sugeria que o conceito pudesse ser verificado no mundo real, como se o grupo pudesse ser delimitado como grupos reais e estáveis de participantes sempre em consenso (cf. ARANHA, 1996). O próprio autor questiona posteriormente se uma CD é de verdade um construto social (concreta) ou uma ilusão que serve para generalizações sobre o mundo (abstrata). Ele admite que a comunidade de *Genre Analysis* (1990) parece utópica, além de não levar em conta as tensões geralmente presentes em toda comunidade.

Assim, devido às críticas ao modelo de 1990, Swales (1992) reformula os critérios que havia proposto. Eles passam a ser:

- 1) Uma CD tem um conjunto de objetivos identificáveis. Eles podem ser pública e explicitamente formulados e ampla ou parcialmente aprovados pelos membros; eles podem ser consensuais; podem ser separados, mas com pontos de contato, fronteiras em comum. (O autor passa a levar em conta a forma de estabelecimento dos objetivos entre os membros da comunidade).
- 2) Uma CD tem mecanismos de intercomunicação entre seus membros; este critério permanece inalterado, visto que sem mecanismos de intercomunicação não há comunidade.
- 3) Uma CD usa desses mecanismos participatórios para uma variedade de propósitos para aumentar o desempenho da informação e do *feedback*; para propiciar inovações; para manter o sistema de crenças e valores da comunidade e para aumentar seu espaço profissional.
- 4) Uma CD utiliza uma seleção de mecanismos participatórios; eles geralmente formam conjuntos ou séries. (Swales passa a considerar a evolução dos gêneros dentro da comunidade).

- 5) Uma CD tem e busca constantemente terminologia específica própria. Destaca-se o fato de a terminologia específica não estar determinada e acabada, mas sempre em desenvolvimento.
- 6) Uma CD tem uma estrutura hierárquica explícita ou implícita que gerencia o processo de entrada e ascensão dentro da CD (ARANHA, 1996).

Swales conclui que uma CD possui práticas e princípios com base linguística, retórica, metodológica e ética; essa visão enfoca os textos a partir de princípios retóricos, permite um exame das mudanças nas comunidades, as quais são instáveis, desorganizadas ou mal definidas, sendo esse um ponto favorável para sua manutenção. Há ainda a possibilidade de haver divergências, falta de união e até preconceito entre os membros (SWALES, 1992).

As comunidades virtuais

De acordo com Pierre Lévy (1999), uma comunidade virtual se estabelece a partir de afinidades de interesses, de conhecimentos sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais. A regra básica é a reciprocidade. Todos ensinam a todos e todos aprendem com todos.

Ainda segundo Lévy (1996), os membros de uma comunidade virtual se “virtualizam”, tornam-se “não-presentes”, não há contato físico, se desterritorializando. Não apresentam um lugar de referência. Uma CV pode estar presente em toda parte onde seus membros móveis se encontram. Assim, Lévy conclui que a virtualização reinventa uma cultura nômade.

Hagel (1999, apud SAMPAIO-RALHA, 2005, p. 3) postula que as comunidades virtuais podem ser de “interesses pessoais, demográficas e geográficas e comunidade de negócios entre empresas (business to business)”. Rojo (1995 apud SAMPAIO-RALHA, 2005, p. 3) enumera os benefícios de se participar de comunidades virtuais. São eles: travar contato com ideias correntes, lançamentos e eventos no campo de estudo; ter a oportunidade de obter rapidamente respostas de qualidade; conseguir materiais de valor, ou ponteiros para estes materiais; aprender sobre o meio em si; adquirir o sentimento de fazer parte de uma comunidade de interesse; ter a oportunidade de expressar ideias e sentimentos; ter a oportunidade de intensificar contatos com pessoas e compartilhando interesses similares.

De acordo com Palácios (1998) os elementos que caracterizariam a comunidade são: o sentimento de pertencimento, a permanência, a ligação entre o sentimento de comunidade, caráter corporativo e emergência de um projeto comum, e a existência de formas próprias de comunicação. Segundo Palácios (1998), o sentimento de pertencimento, ou “pertença”, seria a noção de que o indivíduo é parte do todo, coopera para uma finalidade comum com os demais membros (caráter corporativo, sentimento de comunidade e projeto comum). As comunidades virtuais desenvolvem uma forte moral social, um conjunto de regras que regem suas relações, mais conhecido como “netiqueta” (LÉVY, 1999). Essas regras de conduta emergem naturalmente e têm o intuito de maximizar o diálogo e proteger os usuários de ofensas e atrasos na comunicação. Assim, se algum usuário negligencia a “netiqueta” os próprios participantes se encarregam de censurar o procedimento. Antes de participar de uma comunidade, os novatos devem estudar como os participantes se comportam e como é o fluxo de informações (LÉVY, 1999). Ainda segundo o autor, “as comunidades virtuais exploram novas formas de opiniões públicas”, já que as comunidades

virtuais oferecem um campo amplo para debate coletivo, mais aberto e mais participativo, (p. 129).

É importante ressaltar que as regras que regulam as interações devem ser construídas na coletividade (SAMPAIO-RALHA, 2005). No que diz respeito à emergência das comunidades virtuais, Rheingold (1993) defende que a diminuição das possibilidades de encontros reais nas cidades motivou o surgimento e o crescimento de comunidades virtuais. E ainda resalta que as relações *online* não excluem as emoções, a responsabilidade individual, a opinião pública e o julgamento, e não substituem, simplesmente, os encontros físicos; na verdade, podem ser entendidas como um complemento ou adicional destes.

Sendo assim, pode-se compreender que as comunidades virtuais são baseadas em proximidade intelectual e emocional ao invés de mera proximidade física. Os participantes reconhecem-se parte de um grupo e responsáveis pela manutenção de suas relações. O indivíduo escolhe, elege qual comunidade ele quer fazer parte, sendo a principal motivação o seu interesse particular em um ou mais assuntos em que percebe uma identificação e encontra pessoas com quem possa compartilhar ideias e promover discussões. A interação mútua e relação recíproca, que ocorrem entre as pessoas pelo computador, são fundamentais para o estabelecimento e consolidação de comunidades virtuais (PRIMO, 1998). Nesse aspecto, torna-se importante esclarecer que é o interesse em comum partilhado que transmite à comunidade o sentimento de pertencimento.

A comunidade de prática

Além de os conceitos de Comunidade Discursiva e Comunidade Virtual consideramos oportuno discutir, ainda nesta pesquisa, o conceito de Comunidade de Prática (doravante, CP) dado a relevância para o nosso trabalho. A concepção relacionada ao conceito de Comunidade de Prática (CP) está principalmente calcada na definição sugerida por Wenger (1998; 2006) o qual postula que uma comunidade de prática é formada por pessoas que se comprometem em um processo de aprendizagem coletivo em um domínio compartilhado de esforço humano, como um grupo de artistas buscando novas formas de expressão, um grupo de engenheiros trabalhando em um problema parecido, um grupo de estudantes definindo suas identidades na escola, entre outros. O termo foi primeiramente usado pela teoria da aprendizagem, mas o número de aplicações atual engloba praticamente todas as áreas de conhecimento, como a área de negócios, design organizacional, governo, educação, associações profissionais, projetos de desenvolvimento e vida cívica (WENGER, 1998). A Internet, segundo Wenger (1998), foi responsável pela expansão do alcance de nossas interações além das limitações geográficas das comunidades tradicionais. E o constante aumento do fluxo de informação expande as possibilidades de comunidades e pede novos tipos de comunidades baseadas em práticas compartilhadas.

Desse modo, o autor postula que uma CP é, resumidamente, um grupo de pessoas que compartilham interesses ou paixões por algo e procuram maneiras de aperfeiçoar o que fazem e aprendem por meio de interações regulares. Mais que comunidades de “aprendizes”, a Comunidade de Prática (CP) pode ser uma “comunidade que aprende”, pois são compostas por pessoas que têm compromisso de agregar as melhores práticas. (WENGER, 1998). Além disso, o autor sugere que uma comunidade de prática pode ser grande ou pequena, local ou global, podem interagir face a face ou apenas pela internet, podem ser formais ou informais. Wenger (2006) resalta que nem toda comunidade pode ser

considerada uma comunidade de prática. Para uma comunidade ser caracterizada como uma CP é preciso que esta apresente três características essenciais:

- 1) O domínio (*the domain*): o comprometimento com o domínio, e, portanto, uma competência compartilhada que distingue os membros de outros indivíduos.
- 2) A comunidade (*the community*): ao buscarem o interesse em seus domínios, os membros engajam-se em discussões e atividades comunitárias, ajudam-se uns aos outros, compartilham informação, interagem e aprendem juntos.
- 3) A prática (*the practice*): a CP não é meramente um grupo de pessoas que compartilham o interesse por certo tipo de filmes, por exemplo. Os membros são praticantes que desenvolvem certo repertório de recursos – experiências, histórias, ferramentas, modos de lidar com problemas recorrentes. Basicamente, deve haver o compartilhamento de uma prática, o que leva tempo e interação constante. O desenvolvimento de uma CP pode ser mais ou menos consciente. Por exemplo, um grupo de engenheiros que coleta e documenta truques e lições aprendidas em uma base de dados é uma CP do mesmo modo que um grupo de enfermeiras que almoçam juntas em um hospital tem em suas discussões uma maior fonte de conhecimento sobre cuidar de pacientes. Em ambos os casos temos, no decorrer de suas conversas, um conjunto de histórias e casos que se tornou um repertório compartilhado para a prática do grupo. Desse modo o autor salienta que o desenvolvimento paralelo das três características detalhadas acima é o que garante a sobrevivência de uma CP.

O referido autor destaca que as novas tecnologias, como a Internet, têm possibilitado a expansão de nossas interações, as quais antes eram limitadas nas comunidades tradicionais por razões geográficas. Logo, o constante aumento do fluxo de informação possibilita o surgimento de comunidades baseadas em práticas compartilhadas. De acordo com Vassalo (2008), “o clima” da prática de *teletandem* realizada no laboratório do campus da UNESP em Assis se assemelha muito ao de uma comunidade de prática no que diz respeito ao comprometimento em um processo de aprendizagem coletivo num domínio compartilhado de esforço humano.

A autora lista alguns fatores que contribuem para a criação de “um clima” de CP são eles: o planejamento feito pelo coordenador Prof. Dr. João Telles, a escolha, para a função de monitores, de pessoas com as mesmas características dos usuários, a autonomia e a responsabilidade atribuídas aos monitores, a visibilidade do projeto e do laboratório, as características peculiares dos elementos estéticos que caracterizam o laboratório como particular e diferente dos outros espaços do campus reforçando sua identidade; a criação de uma conta específica do laboratório no correio eletrônico *gmail*, na rede social virtual *Orkut* e no aplicativo *ooVoo* e entre outros.

Sendo um local de troca de informação e construção do conhecimento compartilhado por um grupo de indivíduos, não podemos discordar das constatações de Vassallo e reconhecemos que o “clima no laboratório” apresenta características de uma CP.

Os pontos de contato entre CV, CD e CP

Como já apresentado, o objetivo deste trabalho é verificar características nos integrantes do Projeto Teletandem Brasil que possam configurar uma comunidade virtual de teletandem específica. Além disso, ainda é objetivo deste projeto verificar se esta comunidade virtual de teletandem compartilha características comuns às noções de CV (LÉVY, 1999), de CD (SWALES, 1990; 1992) e de CP (WENGER, 1998), uma vez que há pontos de contato entre estas definições, como será demonstrado em seguida.

De acordo com Pierre Lévy (1999), uma comunidade virtual se estabelece a partir de afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais. A regra básica é a reciprocidade. Todos ensinam a todos e todos aprendem com todos.

Ainda segundo Lévy (1996), os membros de uma comunidade virtual se “virtualizam”, tornam-se “não-presentes”, não há contato físico, se desterritorializando. Não apresentam um lugar de referência. Uma CV pode estar presente em toda parte onde seus membros móveis se encontram.

De início, já podemos verificar que as características expostas acima dialogam com o primeiro e segundo critérios de Swales (1990; 1992) para o estabelecimento de uma CD. Assim como os membros de uma CV, os participantes de CD apresentam objetivos comuns, apresentam mecanismos de intercomunicação o que implica que, não necessariamente, devem manter uma relação de presença física próxima para se relacionarem. Tais características também são evidenciadas na descrição do conceito de comunidade de prática, quando Wenger (1998) postula que uma comunidade de prática é formada por pessoas que compartilham interesses ou paixões por algo e procuram maneiras de aperfeiçoar o que fazem e aprendem por meio de interações regulares. As Comunidades de prática não são limitadas por estruturas formais.

Nota-se que os princípios de troca e reciprocidade que regem a CV também estão presentes na CP e na CD. Tais princípios se relacionam ao terceiro critério defendido por Swales (1990; 1992), o qual aborda a importância de se trocar informações, ou melhor, passar uma informação, e obter seu *feedback*. A partir disso, é necessário que a informação seja direcionada de forma acessível aos membros das comunidades discursivas, sempre considerando o conhecimento prévio de cada membro.

Com relação à presença dos princípios de troca e reciprocidade na CP, Wenger (1998) defende que uma CP constitui-se num ambiente que sustenta suficiente engajamento voluntário e mútuo entre seus membros que se comprometem em um processo de aprendizagem coletivo num domínio compartilhado de esforço humano, objetivando, por meio da busca de empreendimentos comuns, a partilha de conhecimentos e geração de aprendizagem (WENGER, 1998, p. 86). Palacios (1998) aponta elementos importantes na caracterização da comunidade virtual que também foram oportunamente considerados e dialogam com as concepções de Lévy (1996; 1999). São eles: o sentimento de pertencimento, a permanência, a ligação entre o sentimento de comunidade, caráter corporativo e emergência de um projeto comum, e a existência de formas próprias de comunicação.

Segundo Palacios (1998), o sentimento de pertencimento, ou “pertença”, seria a noção de que o indivíduo é parte do todo, coopera para uma finalidade comum com os demais

membros (caráter corporativo, sentimento de comunidade e projeto comum). Nota-se que o sentimento de “pertença” também se caracteriza como outro elemento comum à noção de CD. Os membros de tal comunidade também apresentam caráter corporativo, ou melhor, uma multiplicidade de grupos de pessoas dentro de cada área científica que cooperam para uma finalidade comum, o que gera um sentimento de pertencimento, sendo cada membro parte de um todo.

Sobre a CP, Wenger (1998) postula as comunidades de prática possibilitam que os membros assumam responsabilidade coletiva pelo gerenciamento do conhecimento que precisam, ou seja, a construção do conhecimento, como um todo, depende da responsabilidade dos membros, sendo assim cada membro não só faz parte do todo, como também responsável pela construção deste. Além disso, tal princípio de “pertença” também pode estar relacionado ao domínio do gênero compartilhado por determinada CD, pois, como já mencionado, a comunidade discursiva desenvolve determinados gêneros e estes garantem a existência da comunidade por efetivarem seus propósitos comunicativos. Para um indivíduo ser considerado membro, ou seja, pertencente à comunidade é necessário que este se aproprie do gênero em questão, se inserindo e participando do contexto da comunidade.

Pierre Lévy (1999) ressalta ainda outra importante característica da CV: as comunidades virtuais desenvolvem uma forte moral social, um conjunto de regras que regem suas relações, mais conhecido como “netiqueta”. Essas regras de conduta emergem naturalmente e têm o intuito de maximizar o diálogo e proteger os usuários de ofensas e atrasos na comunicação. Assim, se algum usuário negligencia a “netiqueta” os próprios participantes se encarregam de censurar o procedimento. Segundo Wenger (1998) a CP também é regida por regras, basicamente, deve haver o compartilhamento de uma prática, o que leva tempo e interação constante. O desenvolvimento de uma CP pode ser mais ou menos consciente. Nota-se também a questão da “netiqueta” que está diretamente relacionada com a inclusão de novatos na CV. Antes de participar de uma comunidade, os novatos devem estudar como os participantes se comportam e como é o fluxo de informações (LÉVY, 1999).

É possível também relacionarmos à questão da “netiqueta” da CV ao elemento da hierarquia presente no sexto critério defendido por Swales para caracterizar uma CD: a estrutura hierárquica gerencia a entrada e permanência dos indivíduos em uma comunidade discursiva. Para serem considerados membros, os novatos devem reconhecer o gênero compartilhado pela CD, devem se submeter ao conjunto de regras e condutas que regem a comunidade. O mesmo processo ocorre na CV por meio da “netiqueta”.

Com relação à vida de uma comunidade virtual, esta raramente transcorre sem conflitos; entretanto pode-se desenvolver entre grupos afinidades, amizades e alianças intelectuais, além de muitos participantes deixarem transparecer sua personalidade. É interessante notar que Swales (1998) também aponta existir conflitos em uma CD. De acordo com o autor, as comunidades podem ser instáveis, desorganizadas ou mal definidas, sendo esse um ponto favorável para sua manutenção, havendo ainda a possibilidade de haver divergências, falta de união e até preconceito entre os membros.

Para Pierre Lévy “as comunidades virtuais exploram novas formas de opiniões públicas”, já que as comunidades virtuais oferecem um campo amplo para debate coletivo, mais aberto e mais participativo (1999, p. 129).

De acordo com Storch e Cozac (1995, apud PRIMO, 1998), existiriam “pistas textuais”, que fazem parte da Comunicação Mediada por Computadores para explicitar as informações de emoções como: o “hahaha”, que é utilizado como uma gargalhada, o “hehehe”, que se caracteriza como uma risadinha irônica, e o “hihihi”, que seria um riso tímido. Palavras em maiúsculas indicam que se está GRITANDO. E aquelas com suas letras separadas por espaços indicam que se está falando D E V A G A R. Além disso, é comum o uso de *emoticons*, que tratam de ícones criados com texto para a representação de expressões faciais de emoção ou de um ato. Tais elementos podem estar relacionados ao compartilhamento de um léxico específico pela CV, característica esta, também presente na CD e explicitado no quinto critério postulado por Swales (1990; 1992): “Uma CD tem e busca constantemente terminologia específica própria. Destaca-se o fato de a terminologia específica não estar determinada e acabada, mas sempre em desenvolvimento”. Sendo assim, pode-se compreender que as comunidades virtuais, as comunidades discursivas e as comunidades de prática seriam baseadas em proximidade intelectual e emocional ao invés de mera proximidade. Os participantes reconhecem-se parte de um grupo e responsáveis pela manutenção de suas relações. O indivíduo escolhe, elege qual comunidade quer fazer parte, sendo a principal motivação o seu interesse particular em um ou mais assuntos em que percebe uma identificação e encontra pessoas com quem possa compartilhar ideias, promover discussões e construir conhecimento. Nesse aspecto, torna-se importante esclarecer que é o interesse em comum partilhado que transmite à comunidade o sentimento de pertencimento. Logo, tais princípios foram considerados na elaboração dos critérios para a verificação da comunidade virtual de teletandem. Segue quadro-resumo com os pontos de contato observados:

Quadro 1. Pontos de contato entre CV, CD e CP

CV CD e CP
Objetivos em comum, mecanismos de intercomunicação, não limitadas por barreiras geográficas, troca/reciprocidade, sentimento de pertença (parte do todo) e conjunto de regras

Procedimentos metodológicos

A comunidade virtual de teletandem: elaboração de critérios

Considerando os pontos de contato entre as definições de comunidade virtual (LÉVY, 1996; 1999), de comunidade discursiva (SWALES 1990; 1992) e de comunidade de prática (WENGER, 1998) que foram apresentados neste trabalho, adotamos 6 critérios que auxiliam na verificação da formação de uma comunidade de teletandem. A elaboração desses critérios se torna importante na medida em que auxilia na delimitação de características comuns às noções de CD, CV e CP que, de acordo com nossa hipótese inicial, seriam compartilhadas por um grupo específico de interagentes. São eles:

- 1) Uma comunidade de teletandem se estabelece a partir de afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos;
- 2) As interações entre seus membros são realizadas com frequência, tendo como base um processo de cooperação ou de troca (reciprocidade), (*feedback*), provocando um sentimento de pertencimento;

- 3) Os membros de uma comunidade de teletandem são “não-presentes”, desterritorizados;
- 4) Uma comunidade de teletandem cultiva formas próprias de comunicação virtuais;
- 5) As comunidades virtuais de teletandem desenvolvem um conjunto de regras, coletivamente, que regem suas relações (“netiqueta”);
- 6) Os membros de uma comunidade de teletandem compartilham um léxico específico.

Os critérios propostos serviram como suporte para a elaboração dos instrumentos de pesquisas: um questionário e uma entrevista semiestruturada. Cada pergunta elaborada busca ir ao encontro de pelo menos um dos critérios para a verificação de uma comunidade de teletandem.

Natureza da pesquisa

Este artigo é um recorte de uma pesquisa quantitativa e qualitativa, de natureza etnográfica. Para o desenvolvimento do trabalho, partimos da hipótese de que os interagentes do TTB compartilham características comuns à noção de CV, à noção de CD e à noção de CP e que tais características poderiam configurar uma comunidade de teletandem específica.

Primeiramente, com o objetivo de confirmar ou refutar a hipótese inicial foi elaborado um questionário impresso com 14 perguntas semiabertas e um modelo virtual, por meio da ferramenta online *Google docs* e uma entrevista composta por 10 perguntas, sendo 6 específicas e 4 gerais. (Em anexo). Ambos elaborados tendo em vista os critérios para a verificação de uma CV teletandem.

Tanto o questionário como a entrevista foram escritos nas línguas portuguesa e inglesa, e submetidos aos interagentes brasileiros e norte-americanos. É importante salientar que, inicialmente, tinha-se como objetivo submeter todos os participantes do Projeto *Teletandem Brasil*, incluindo os participantes das línguas espanhola, francesa e italiana, porém, ao longo do projeto estas parcerias se perderam e se mantiveram com frequência e solidez as parcerias entre brasileiros e norte-americanos.

Sobre o questionário virtual, vale ressaltar que ferramenta *Google docs* permite a elaboração de um questionário virtual. Este foi enviado por e-mail a todos participantes estrangeiros, norte-americanos, e ainda foi impresso, aplicado e coletado pessoalmente no laboratório de *teletandem* da UNESP de São José do Rio Preto e no laboratório de *teletandem* da UNESP de Assis, aos participantes brasileiros. Já a entrevista foi realizada, presencialmente, com participantes brasileiros e americanos. Foram entrevistadas apenas interagentes das parcerias do campus da UNESP de Assis, uma vez que as parcerias do laboratório deste campus eram mais antigas e constantes, o que, a nosso ver, poderiam nos fornecer dados mais precisos e qualitativos, tendo em vista que a entrevista foi elaborada com o propósito de coletar dados qualitativos. Além dos dados dos questionários e da entrevista semi-estrutura, também serão utilizados dados de um questionário aplicado a participantes americanos. Este questionário foi aplicado pela Profa. Dra. Solange Aranha na *Utah Valley University*, que realizava Pós-Doutorado naquela instituição. O objetivo final é realizar uma triangulação dos dados obtidos.

O contexto de pesquisa

Este trabalho se insere em um projeto de pesquisa temático, o Projeto *Teletandem* Brasil. O Projeto, como já apresentado, se baseia na aprendizagem virtual, colaborativa de língua estrangeira, assistida por computador. É uma modalidade inovadora, com peculiaridades que merecem atenção de diversas áreas de pesquisa. Para procedermos à pesquisa em nossa área de linguística aplicada, buscamos os dados por meio de questionários virtuais e impressos escritos em língua portuguesa e inglesa, e entrevistas semiestrutura presenciais, além de dados gerados por um questionário enviado por e-mail a participantes americanos da *Utah Valley University*, aplicado pela Profa. Dra. Solange Aranha que tinha como objetivo relatar fatos da interação que os participantes tinham realizados no dia.

Quadro2. Número de questionários enviados e respondidos

Número de questionários enviados <i>online</i> a participantes de língua inglesa	80
Número de questionários impressos e distribuídos a participantes brasileiros	55
Número total de questionários respondidos	67

Análise parcial e discussão dos dados

Até o momento foram analisadas as respostas das perguntas gerais da entrevista semiestrutura e as respostas das oito primeiras perguntas do questionário. Neste trabalho serão apresentados os dados referentes à 1ª, 3ª e à 4ª pergunta do questionário e os dados referentes também à 1ª e à 4ª pergunta do grupo de perguntas gerais da entrevista (em anexo), uma vez que estas perguntas referem-se a três princípios considerados fundamentais para o estabelecimento de uma comunidade de teletandem: objetivos em comum compartilhados, troca de conhecimento/reciprocidade e conjunto de regras compartilhadas.

A primeira pergunta do questionário tinha como meta avaliar os objetivos dos interagentes em participar do Projeto Teletandem Brasil e o grau de prioridade desses objetivos. Das 67 respostas obtidas, 91% dos interagentes têm como objetivo principal aperfeiçoar a L2; 94,02% têm como segundo objetivo conhecer a cultura e 91% têm como terceiro objetivo participar de pesquisas acadêmicas, como mostra o gráfico a seguir:

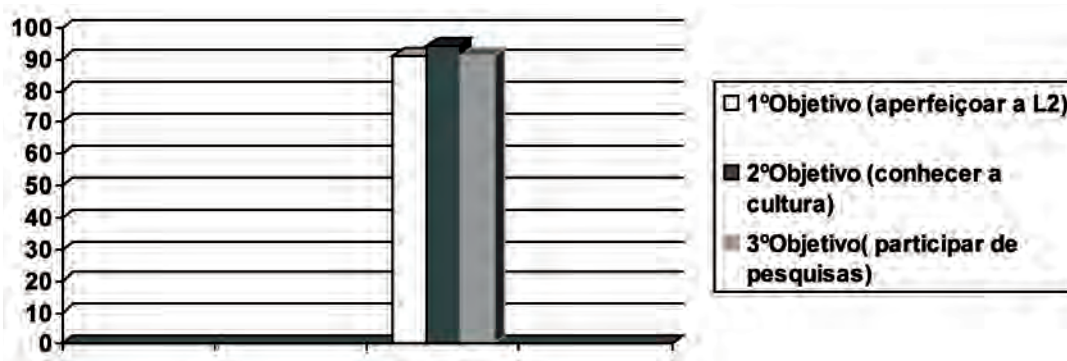


Gráfico 1. Análise das respostas referentes à 1ª pergunta do questionário

A terceira pergunta tinha como objetivo verificar se durante as interações há troca de conhecimentos e reciprocidade. Dos 67 questionários respondidos, 65 responderam que sim, há troca de conhecimentos e reciprocidade durante suas interações. A quarta questão pedia aos interagentes que justificassem a resposta anterior. A seguir, alguns exemplos de justificativas:

- (01) “Aspectos culturais e lingüísticos são discutidos nas interações via tandem”
- (02) “Trocamos conhecimento sobre a língua e cultura de cada país”
- (03) “We help each other with learning languages and help each other with any problems that we have”

Com relação às respostas referentes à 1ª pergunta da entrevista, os interagentes deveriam mais uma vez detalhar o seu objetivo de participar do Projeto Teletandem Brasil. O objetivo das perguntas abertas da entrevista, como já explicitado, era obter respostas qualitativas, além de confirmar e validar as respostas do questionário. Alguns exemplos de respostas abaixo:

- (04) “Adquirir proficiência na língua e também conhecer a cultura”
- (05) “Gosto muito de conhecer culturas diferentes e também aperfeiçoar meu Inglês”

Com relação à 4ª pergunta da entrevista, esta tinha como objetivo verificar quais as regras seguidas entre o interagente e o seu parceiro. Todos salientaram que a regra que seguem é a divisão das interações entre as línguas, isto é, os primeiros 30 minutos interagem em uma língua e os outros 30 minutos restantes interagem em outra língua. Exemplos:

- (06) “Apenas respeitamos a dinâmica das interações. A primeira metade falamos só Português e a segunda só Inglês.”
- (07) “Geralmente, dividimos a interação em os primeiros 30 minutos em Português e o restante em Inglês.”

Encaminhamentos futuros

O objetivo deste trabalho foi apresentar os conceitos de Comunidade Virtual (LÉVY, 1999), Comunidade discursiva (SWALES, 1990; 1992) e Comunidade de Prática (WENGER, 1998), assim como os pontos de contato entre eles, os critérios que levaram à formação do conceito de comunidade de teletandem e a análise parcial dos dados.

Até o momento foram analisadas as respostas das perguntas gerais da entrevista semiestrutura e as respostas das oito primeiras perguntas do questionário, entretanto, neste trabalho foram apresentados e discutidos os dados referentes à 1ª, 3ª e 4ª pergunta do questionário e à 1ª e 4ª pergunta do grupo de perguntas gerais da entrevista. É importante ressaltar que se trata de uma pesquisa em andamento e a análise dos dados ainda está em fase de finalização.

Entretanto, os dados preliminares nos mostram haver características dos interagentes compatíveis aos critérios dotados neste trabalho para o estabelecimento de uma comunidade de teletandem. Tais dados ainda estão em fase de análise, como explicitado, não sendo oportuno discuti-los neste momento.

Pretende-se continuar a análise das respostas referentes às perguntas restantes do questionário, a análise das respostas referentes à seção das perguntas específicas da entrevista, as quais tinham como objetivo verificar a presença das características para a configuração de uma comunidade de teletandem nas interações realizadas naquele dia e ainda as respostas referentes a um questionário aplicado pela Profa. Dra. Solange Aranha à interagentes norte-americanos na Utah Valley University, para, enfim, realizar a triangulação dos dados obtidos.

Na seção 1, foram discutidas a introdução e a justificativa deste trabalho, ressaltando o uso crescente da tecnologia no ambiente educacional e a importância de refletir sobre as implicações didáticas e pedagógicas do meio digital no processo de ensino e aprendizagem.

Na seção 2, foram apresentadas a fundamentação teórica na qual este trabalho se apóia. Entre os conceitos discutidos estão a contextualização do Projeto Teletandem Brasil, as noções de CV (LÉVY, 1999), de CD (SWALES, 1990; 1992) e CP (WENGER, 1998), os pontos de contato entre os conceitos das respectivas comunidades.

Na seção 3, foram abordados os procedimentos metodológicos utilizados, os critérios para o estabelecimento de uma comunidade de teletandem, a natureza da pesquisa e o contexto da pesquisa. Na seção 4, foram analisados e discutidos os resultados preliminares da pesquisa de mestrado em andamento e na seção 5, foram apresentados os encaminhamentos futuros.

Por fim, os resultados preliminares alcançados até o instante levam a crer que a hipótese inicial desta pesquisa poderá ser confirmada no momento final da análise de todos os dados restantes.

REFERÊNCIAS

ARANHA, S. *Contribuições para a introdução acadêmica*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) — Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara.

_____. *A argumentação nas introduções de trabalhos científicos da área de Química*. 1996. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

CARELLI, I. M. *Estudar on-line: análise de um curso para professores de inglês na perspectiva da teoria da atividade*. Tese (Doutorado em Linguística aplicada e estudos da linguagem) — Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2003. Disponível em: <http://www.pucsp.br/pos/lael/lael-inf/def_teses.html>. Acesso em: 23 jul. 2009.

FONTES, M. C. M. *A aprendizagem de inglês via internet: descobrindo as potencialidades do meio digital*. Tese (Doutorado em Linguística aplicada e estudos da linguagem) — Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2002. Disponível em: <http://www.pucsp.br/pos/lael/laelinf/def_teses.html>. Acesso em: 23 jul. 2009.

LÉVY, P. *Cyberculture*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: 34, 1999.

_____. *A máquina universo: criação, cognição e cultura informática* / Pierre Lévy; tradução de Bruno Charles Magne. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

_____. *Que é o virtual?* São Paulo: 34, 1996.

PALACIOS, M. *Cotidiano e Sociabilidade no Cyberspaço: Apontamentos para Discussão*. Ano 1998 Disponível em: <<http://facom/ufba/br/pesq/cyber/palacios/cotidiano.html>>. Acesso em: 19 nov. 1998.

Santos. *Anais...* Santos, 1997. Disponível em: <http://www.pesquisando.atraves-da.net/comunidades_virtuais.pdf>. Acesso em: 8 fev 2009, às 14h.

_____. Interação Mútua e Interação Reativa: uma proposta de estudo. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES EM COMUNICAÇÃO, 21, 1998, Recife. *Anais...* Recife: UFPE, 1998. Disponível em: <<http://usr.psyco.ufrgs.br/~aprimo/pb/esprialpb.htm>>. Acesso em: 7 fev. 2009, às 19h40.

RHEINGOLD, H. *The Virtual Community: Homesteading at the Electronic Frontier*, 1993. Disponível em: <<http://www.rheingold.com/vc/book/>>. Acesso em: 16 dez. 2008.

SAMPAIO-RALHA, J. L. F. *Comunidades Virtuais: Definições, origens e aplicações*. 2005 Disponível em: <<http://www.rau-tu.unicamp.br/nou-rau/ead/document/?down=79>>. Acesso em: 12 ago. 2009.

SWALES, J. *Other floors, other voices: a textography of a small university building*. Mahwah, N.J.: Lawrence Erlbaum, 1998.

_____. *Rethinking genre: Another look at discourse community effects*. Trabalho apresentado no colóquio 'Rethinking Genre'. Carleton University, Ottawa, 1992.

_____. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TELLES, J. A.; VASSALLO, Maria Luisa. Foreign language learning in-tandem: Teletandem as an alternative proposal in CALLT. *The Specialist*, v. 27, 2006.

VASSALLO, Maria Luisa. O Laboratório de Teletandem de Assis: Questões de Organização e Gerenciamento. *Teletandem News*, 2008. Disponível em: <http://www.teletandembrasil.org/site/docs/Newsletter_Ano_III_n_3.pdf>. Acesso em 28 jul. 2009.

WENGER, E. *Communities of Practice: A Brief Introduction*. 2006. Disponível em: <<http://www.ewenger.com/theory/>>. Acesso em: 10 ago. 2009.

_____. *Communities of Practice – learning, meaning and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. Disponível em: <<http://www.google.com/books?id=heBZpgYUKdAC&pg=PT1&dq=Wenger,+E.+1998/>>. Acesso em: 18 ago. 2009.